

## **Questionário de Valores Pessoais Readaptado: processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação**

Personal Values Questionnaire Readapted: development  
process and initial contributions to the validation

ANA PRIOSTE<sup>1</sup>, ISABEL NARCISO<sup>2</sup> Y MIGUEL GONÇALVES<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta o processo de desenvolvimento e os estudos iniciais de validação do Questionário de Valores Pessoais Readaptado (QVPR), um instrumento de avaliação da importância dos valores, enquanto princípios guia da vida, desenvolvido através do Questionário de Valores Pessoais (Schwartz, 1992; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991). Participaram no estudo 630 indivíduos (15-73 anos), respondendo ao QVPR e a um questionário de dados socio-demográficos. Da análise factorial exploratória, realizada com 67 itens, resultou uma estrutura de oito factores – Relacional, Tradicionalismo, Aventura, Poder Social, Equilíbrio Pessoal, Realização Pessoal, Preocupação Social, Espiritualidade –, com níveis bastante adequados de consistência interna, e 63 itens. A análise das diferenças entre sexos, nas dimensões dos valores, evidencia que, para as mulheres, os valores inerentes às dimensões Relacional, Espiritualidade e Equilíbrio

---

1 Estudante do Programa de Doutoramento Inter-Universitário em Psicologia Clínica, Psicologia da Família e Intervenções Familiares na Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, e na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: anaprioste@gmail.com.

2 PhD, Professora Auxiliar, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

3 PhD, Professor Catedrático, Escola de Psicologia, Universidade do Minho.

Este trabalho foi apoiado pela Bolsa de Doutoramento (SFRH / BD / 62182 / 2009) da primeira autora, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal.

Pessoal são mais centrais enquanto princípios guia da sua vida, o que corrobora, parcialmente, resultados de outros estudos. No estudo transversal, as diferenças intergrupos observadas, nas dimensões Tradicionalismo, Aventura, Espiritualidade e Realização Pessoal, sugerem a concordância da importância da maioria das dimensões, ao longo do ciclo de vida, e a divergência nas significações, de acordo com as diferentes tarefas desenvolvimentais inerentes a cada grupo etário. O QVPR pode constituir-se como um instrumento de avaliação das motivações para o comportamento individual e para o sentido da vida, permitindo caracterizar e diferenciar pessoas e grupos.

**Palavras-chave:** Valores; Estudo inicial de validação; Questionário de Valores Pessoais Readaptado.

## ABSTRACT

This paper presents the development process and validation initial studies of the Personal Values Questionnaire Readaptated (QVPR), an instrument for assessing the importance of values as guiding principles in life, developed through Personal Values Questionnaire (Schwartz, 1992; translational and adaptation: Menezes & Campos, 1991). The study involved 630 subjects (15-73 years), answered the QVPR and a questionnaire about socio-demographic information. Exploratory factor analysis, conducted with 67 items, resulted in a structure of eight factors – Relational, Traditionalism, Adventure, Social Power, Personal Balance, Personal Achievement, Social Concern, Spirituality –with very adequate levels of internal consistency, and 63 items. The analysis of sex differences in the values dimensions demonstrates that, for women, the values inherent in the dimensions Relation, Spirituality and and Personal Balance are more central while guiding principles of their lives, which supports, in part, results from other studies. In cross-sectional study, the differences observed between groups suggests agreement of most dimensions, throughout the life cycle, and the deviation significance of the dimensions, according to the different developmental tasks inherent in each age group. The QVPR can establish itself as an instrument of evaluation of the motivations for individual behavior and the meaning of life, allowing to characterize and differentiate people and groups.

**Key-Words:** Values; Validation initial study; Personal Values Questionnaire Readapted.

## INTRODUÇÃO

Os valores, enquanto um conjunto de princípios através dos quais se fundamenta as decisões e o sentido da vida, constituíram objecto de reflexão, conceptualização e estudo, por autores de várias áreas (e.g., Alberoni, 2000; Lipovetski, 2002; Rokeach, 1976, 1979; Schwartz & Bilsky, 1990). De acordo com Schwartz e Bilsky (1990), os valores podem ser conceptualizados como “(a) conceitos ou crenças (b) acerca de comportamentos ou estados desejados (c) que transcendem situações específicas, (d) guiam, seleccionam ou avaliam o comportamento e os acontecimentos e (e) estão ordenados de acordo com a sua importância relativa” (p. 878). O estudo dos valores apresenta alguns desafios, nomeadamente, (a) a impossibilidade de serem observados, a confusão frequente com outros fenómenos sociais e psicológicos e o facto de o seu conteúdo variar histórica e culturalmente, (b) a falta de clareza das teorias actuais na explicação de como os valores modelam o comportamento e (c) as dificuldades na mensuração dos valores (Hitlin & Piliavin, 2004). Têm sido desenvolvidos vários estudos que desafiam satisfatoriamente estes obstáculos (Hitlin & Piliavin, 2004) e foram desenvolvidos alguns instrumentos universais para medir a importância dos valores enquanto princípios orientadores da vida (e.g., Rokeach Value Survey, RVS, Rokeach, 1973; Questionário de Valores Pessoais, QVP, Schwartz,

1992; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991). Este estudo centra-se no processo de desenvolvimento de um instrumento de valores, sensível ao *zeitgeist* e aos imperativos e identidade da sociedade portuguesa actual, com base na adaptação da versão portuguesa do QVP.

Os instrumentos universais existentes que mensuram os valores, por serem nomotéticos, não permitem o foco em valores culturais específicos, idiossincráticos, que podem ter uma saliência ou importância distinta em determinadas culturas. Para além das pessoas viverem num mundo orientado por valores *macrossistémicos*, elas próprias criam valores, no seu microsistema, de acordo com a sua perspectiva pessoal, contribuindo com os seus valores próprios para o mundo (Bronfenbrenner, 1986; Hermans & Oles, 1993). Neste sentido, os valores, para além de criarem e preservarem um sentido de identidade pessoal, dando coerência e continuidade aos padrões comportamentais (Caprana, Schwartz, Capanna, Vecchione, Barbaranelli, 2006), contribuem para o desenvolvimento das relações que os indivíduos estabelecem ao longo da vida, sendo também desenvolvidos através destas (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002). Apesar de serem relativamente estáveis temporal e situacionalmente (Bilsky & Schwartz, 1994), podem sofrer alterações, consoante as mudanças nos sistemas em interacção com o indiví-

duo e as valorações que evocam. Assim, a importância que o indivíduo atribui a cada valor é reflexo e reflector da significação das suas experiências, da sua personalidade, do contexto e da cultura em que se insere (Hermans & Oles, 1993; Prince-Gibson & Schwartz, 1998).

De acordo com a literatura consultada, parece-nos possível delinear três linhas de investigação sobre valores: (1) referente a modelos e a teorias dos valores humanos básicos universais e ao teste da sua validade; (2) alusiva à correlação entre os valores e outras variáveis individuais e familiares; e (3) centrada na transmissão e no conflito intergeracional de valores, frequentemente com foco na família. Pela sua pertinência para o presente estudo, a primeira linha identificada será a mais explorada neste trabalho.

### **Modelos e teorias dos valores humanos básicos universais.**

A pesquisa científica na área dos valores foi impulsionada pelos trabalhos de Allport e Vernon (1931), com o desenvolvimento de um instrumento para medir as hierarquias individuais em relação a seis tipos de valores (económicos, políticos, estéticos, sociais, religiosos e teóricos) inferidos dos tipos de valores finais<sup>4</sup>, postulados por

4 De acordo com Rokeach (1976) e Menezes e Campos (1991), valores finais podem ser conceptualizados como crenças ou concepções relativas a objectivos ou estados finais desejáveis (e.g., felicidade).

Spranger (1924, cit. por Hermans & Oles, 1993). Um estudo mais recente de Hermans e Oles (1993) investigou o significado dos valores de Spranger (1924), em termos das valorações<sup>5</sup>, com o intuito de perceber a conjugação prática dos valores ideais nas vidas individuais. Apesar de os valores humanos serem, frequentemente, concebidos enquanto estruturas estáveis e coerentes que guiam a acção e formam uma base cultural comunitária, os resultados do estudo de Hermans e Oles (1993) sugerem a) uma perspectiva mais complexa dos valores humanos, na qual as pessoas são agentes activas, capazes de interpretar, partilhar e alterar a sua própria realidade, pelo que, para além de internalizarem valores, atribuem-lhes um significado próprio, sendo que, para cada tipo de valor, surgem diferentes valorações e diferentes modalidades afectivas. Os valores de Spranger (1924) diferem quanto à sua potencialidade para evocar valorações pessoais: os valores sociais e religiosos - relativos à filosofia de vida, à identi-

5 De acordo com Hermans (1987), as valorações são construções subjectivas sobre o mundo, desenvolvidas através de um processo activo de construção de significação e ao seu produto - significado -, no qual se joga uma conjugação dinâmica do Eu (I), centro de organização e interpretação experiencial e o Mim (Me), resultado do processo interpretativo. A Teoria da Valoração (Hermans, 1991) considera que todas valorações têm inerente uma componente afectiva (positiva, negativa ou ambivalente), determinada pela procura de auto-realização (motivos S) e/ou contacto interpessoal (motivos O).

dade própria e aos papéis pessoais nas relações interpessoais - são poderosos na evocação de significados pessoais; e a importância dos valores económicos e políticos cinge-se a um nível social, não sendo centrais para o quotidiano pessoal (Hermans & Oles, 1993).

Surgiram outros contributos importantes na área para a medição empírica de valores, como o instrumento universal RVS (Rokeach, 1973). Rokeach (1976) enquadrou os valores numa teoria de organização, mudança e conflito nos sistemas de valores-actitudes-comportamentos, realçando a importância do conceito no processo. O autor propõe que, tendo componentes motivacionais, afectivas, cognitivas e comportamentais, os valores são dinâmicos e determinantes das actitudes e dos comportamentos, logo, permitem-nos uma visão explicativa mais abrangente, analítica e económica na descrição das semelhanças e diferenças entre pessoas, grupos e culturas (Rokeach, 1976). No RVS, a tarefa do participante consiste na ordenação dos valores de duas listas – instrumentais<sup>6</sup> e finais -, conforme a sua importância enquanto guia na sua vida (Bilsky, 2009). O estudo de Figueiredo (1985), um dos pioneiros nesta temática em Portugal, utilizou a RVS com uma

amostra de estudantes universitários portugueses e respectivos pais. Os resultados mostram a) uma concordância hierárquica de quatro valores entre pais e filhos (*Dignidade, Flexibilidade, Prazer e Reconhecimento social*) e b) que os filhos atribuem maior importância a valores pessoais e relacionais, por estarem mais orientados para a auto-afirmação e autonomia, enquanto tarefas de vida, estando os pais mais orientados para a moralidade, pelo que valorizam mais princípios sociais (Figueiredo, 1985). Figueiredo (1985) sugere que a tendência de evolução dos valores obedece a um critério marcadamente individualista, no sentido da auto-realização, em detrimento de um critério social.

A influência de Schwartz e Bilsky na área foi marcada pela construção e validação empírica de um modelo universal dos valores humanos (TVBH), testado em mais de setenta países (Bilsky, 2009). Para os autores, os valores, em termos do seu conteúdo e função, representam respostas cognitivas, individuais e sociais a três exigências e tarefas universais: (1) as necessidades das pessoas, enquanto organismos biológicos; (2) as exigências da interacção social coordenada e (3) os requisitos para o bem-estar e a sobrevivência colectiva (Bilsky, 2009). Dada a possibilidade de identificação de um número elevado e diferenciado de valores, houve um agrupamento destes em dez categorias, reconhecidas em diferentes culturas e

---

6 Valores instrumentais podem ser definidos como crenças ou conceitos sobre formas comportamentais instrumentais desejáveis para atingir objectivos ou estados finais pretendidos (e.g., ser honesto, ser responsável) (Menezes e Campos, 1991; Rokeach, 1976).

diferenciadas pelos tipos de interesse e conteúdo motivacional que têm subjacentes: *Poder, Realização, Hedonismo, Estimulação, Auto-determinação, Universalismo, Benevolência, Tradição, Conformidade e Segurança* (Menezes & Campos, 1991; Schwartz & Bilsky, 1990). Na TVHB, os dez domínios motivacionais encontram-se representados numa estrutura circular devido à sua organização num *continuum* motivacional dinâmico circular (para uma explicação mais aprofundada vide Schwartz & Bilsky, 1990) e, entre os domínios, existem relações de compatibilidade e de incompatibilidade, atendendo à semelhança ou diferença entre os objectivos motivacionais (Bilsky, 2009). Os valores estão também organizados em duas dimensões bipolares: (1) *Auto-transcendência* (Universalismo, Benevolência) vs. *Auto-promoção* (Poder, Realização), que reflectem o conflito entre o bem-estar e a aceitação dos outros como iguais e a procura do sucesso individual ou do domínio sobre os outros; (2) *Abertura à mudança* (Auto-determinação, Estimulação) vs. *Conservadorismo* (Segurança, Conformidade, Tradição), referentes ao conflito entre o desejo de autonomia intelectual, a liberdade e a mudança vs. obediência, a preservação das práticas tradicionais e a protecção da estabilidade. O Hedonismo está, simultaneamente, relacionado com a *Abertura à mudança* e a *Auto-promoção* (Schwartz & Rubel, 2005).

A insuficiência da RSV na sub-representação de valores (Bilsky, 2009), na não integração de valores de culturas não ocidentais e na impossibilidade de cotação de cada item numa escala e de identificação de valores negativos - opostos aos princípios orientadores da sua vida - (Menezes & Campos, 1991), levou Schwartz (1992) a construir o Questionário de Valores Pessoais (QVP) com base no RVS. O QVP contém 56 itens, distribuídos por uma lista de valores finais e uma de valores instrumentais, e tem sido utilizado em várias investigações internacionais desde 1990, nas quais se têm confirmado os pressupostos teóricos de Schwartz. Uma das desvantagens do QVP é referente ao nível de abstracção requerido ao participante para a análise dos itens, pelo que não deve ser aplicado em amostras muito heterogéneas (Bilsky, 2009). De relevar, as semelhanças entre os tipos básicos ideais de Spranger (1925) e os tipos de valores de Schwartz (1992): os valores políticos têm características comuns com o domínio motivacional *Poder*; os valores sociais correspondem, em conteúdo, aos domínios motivacionais *Benevolência* e *Universalismo* de Schwartz; os valores económicos evidenciam elementos comuns com *Realização* e com *Poder*; os valores teóricos assemelham-se ao domínio *Auto-determinação*, os religiosos ao domínio motivacional *Tradição* e os valores estéticos ao *Universalismo* (Bilsky, 2009).

O QVP foi integrado no *European Social Survey* (Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008) e os resultados revelam, maioritariamente, uma concordância intercultural da estrutura dos valores.

No primeiro estudo realizado em Portugal com o QVP, por Menezes e colaboradores (1989), com uma amostra de 163 estudantes universitários portugueses, a estrutura psicológica dos valores humanos proposta por Schwartz não é corroborada. Através de uma Análise Factorial, neste estudo, só foram encontradas seis dimensões - Maturidade, Social, Relacional, Hedonismo, Sucesso, Conformista e Manutenção da Tradição. Mais tarde, com uma amostra mais alargada e com recurso a análises multidimensionais, os resultados do estudo transversal de Menezes e Campos (1991) revelaram uma estrutura semelhante à postulada por Schwartz (1990), tendo emergido os dez domínios motivacionais, apesar de alguns se apresentarem aglutinados. Menezes e Campos (1991) propõem a existência de um processo de desenvolvimento dos valores humanos, profundamente influenciado pelas tarefas do ciclo de vida com as quais os indivíduos se confrontam nos diferentes momentos de existência.

### **Correlação entre os valores e variáveis individuais**

Têm sido desenvolvidos vários estudos que relacionam os valores e a

sua estrutura psicológica com outras variáveis, nomeadamente, diferenças entre sexos (Schwartz & Rubel, 2005), idade (Hitlin & Piliavin, 2004), escolhas políticas (Caprana, et al., 2006), preocupações (Schwartz, Sagiv, & Boehnke, 2000), confiança interpessoal, activismo político, atitudes perante a imigração (Schwartz, 2007) e níveis de confiança em instituições e religiosidade (Devos, Spini, & Schwartz, 2002). Alguns estudos têm evidenciado também a associação entre valores e variáveis da personalidade (Bilsky & Schwartz, 1994; Caprana et al, 2006). Bilsky e Schwartz (1994) sugerem a existência de (a) uma relação co-variante entre valores e traços de personalidade, quando os seus efeitos recíprocos aumentam a importância dos valores e acentuam uma tendência dos traços da personalidade (e.g., ciclo de *feedback* positivo: valores de auto-realização promovem padrões comportamentais congruentes – traços de personalidade assertivos – que, por sua vez, reforçam os valores de realização que promovem padrões comportamentais congruentes – assertividade); e de (b) uma relação compensatória entre valores e traços, quando o efeito recíproco trabalha em direcções opostas, i.e., os traços de personalidade funcionam como resposta às necessidades em défice e os valores associados aos traços são aqueles que têm subjacentes objectivos compensatórios do défice.

Os resultados do estudo de Bilsky e Schwartz (1994) apontam para a existência de relações co-variantes entre a orientação social e o domínio motivacional Auto-transcendência e entre a agressividade e franqueza e o domínio motivacional *Auto-promoção* e de relações compensatórias entre as características impulsivas, inibitórias, de tensão, somatização e de preocupação com a saúde e domínio motivacional *Conservadorismo*.

No que concerne ao estudo das diferenças de sexos na valorização dos domínios motivacionais, os estudos que utilizaram exclusivamente amostras portuguesas mostram que as mulheres atribuem maior relevo às dimensões Maturidade, Social e Relacional (Menezes, et al., 1989). Um estudo transcultural de Schwartz e Rubel (2005), no qual está também incluída uma amostra portuguesa, mostra que os homens valorizam mais os domínios motivacionais *Poder*, *Estimulação*, *Hedonismo*, *Realização* e *Auto-direccionamento* e as mulheres dão mais importância aos tipos *Benevolência*, *Universalismo* e *Segurança*, enquanto princípios orientadores da sua vida. Os autores interpretaram estas diferenças com base (a) numa perspectiva evolucionista, que considera a influência de diferentes contornos de adaptação, i.e., homens e mulheres terão sido submetidos a pressões evolutivas distintas, que levam ao desenvolvimento de mecanis-

mos cognitivos e afectivos divergentes e, neste sentido, os valores, enquanto guias das atitudes e comportamentos, podem corresponder a estes mecanismos; (b) na Teoria dos Papéis Sociais, considerando que as experiências proporcionadas por papéis laborais, familiares e sociais, influenciam, directamente, o comportamento, a identidade e os valores básicos (Schwartz & Rubel, 2005).

### **Transmissão e conflito intergeracional de valores**

Tendo por base a abordagem sistémica, o desenvolvimento humano influencia e é influenciado por uma multiplicidade de agentes socializadores – família, grupos de pares, *media* e instituições – dinamicamente conectados, que se englobam, de um nível micro a um macro, constituindo um todo (Bronfenbrenner, 1986) e que influem na co-construção e interiorização de valores e competências sociais, havendo, concomitantemente, transmissão e transformação intergeracional de valores (Bengtson, et al. 2002). Têm sido estudados vários factores enquanto influentes na transmissão de valores entre pais e filhos – e.g., género (Bengtson et al., 2002), práticas parentais, comportamento dos pais enquanto modelo (Hoff, Laursen, & Tardif, 2002). Outros estudos mostram que a influência materna no desenvolvimento dos valores é mais

forte do que a paterna para ambos os filhos, independentemente do sexo (Balancho, 2004), o que poderá estar relacionado com graus distintos de envolvimento parental com os filhos (Parke, 2002). Vários autores têm identificado, enquanto variáveis mediadoras da eficácia da transmissão de valores parentais aos filhos, a qualidade da relação entre pais e filhos (Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000), a comunicação, mais especificamente, a explicação dos comportamentos dos pais (Spera, 2005) e o *estilo autoritativo* (Grusec et al., 2000; Pinquart & Silbereisen, 2004). Os resultados do estudo de Pinquart e Silbereisen (2004) sugerem que a transmissão de valores entre pais e filhos é evidente em relação a valores hedonistas, valores colectivos e papel sexual.

## MÉTODO

### Participantes

A amostra deste estudo corresponde a um recorte da amostra de um estudo mais alargado sobre Transmissão Intergeracional Familiar de Valores e Padrões Relacionais. A amostra é constituída por um total de 630 indivíduos (N=630). Como critério de exclusão foi estabelecido um limite mínimo no que respeita à idade (15 anos), pelo grau de abstracção requerido na interpretação de itens. A amostra é constituída por

33.7% indivíduos do sexo masculino e 66.3% do sexo feminino. A idade média dos participantes é de 30.38, com um desvio-padrão de 4.80, sendo o mínimo de idade 15 anos e o máximo 73 anos. Cerca de 84.3 % dos participantes da amostra vivem em famílias nucleares intactas, 9.6% pertencem a famílias monoparentais e 6% a famílias reconstituídas. Quanto ao nível de escolaridade, 27.6% dos participantes têm, pelo menos, dez anos de ensino. A grande maioria dos participantes (73.1%) reside na Grande Lisboa e 18.6% na zona Centro.

### Instrumentos

*Questionário de Valores Pessoais Readaptado (QVPR, versão original Schwartz, 1987; Adaptação e tradução para a população portuguesa: Menezes & Campos, 1989; Readaptação: Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2010).* Os participantes completaram os 67 itens, correspondentes a valores finais, do QVPR. O QVPR é um questionário de auto-relato, baseado no QVP (Schwartz, 1990; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991); a tarefa do participante consiste em avaliar quão importante é, para si, cada valor enquanto princípio orientador da sua vida, utilizando, para o efeito, uma escala de (0) “*Nada importante*” a (6) “*De importância fundamental*”. Em cada item, é apresentado um valor

e uma definição, para diminuir a carga de subjectividade semântica na interpretação do item.

#### *Questionário sócio-demográfico.*

Questões que permitem obter dados sócio-demográfico (sexo, idade) psicossociais (pessoas com quem habita, existência e número de filhos e de irmãos e estado civil e escolaridade dos pais) e pessoais (escolaridade, religiosidade, existência de acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico anterior ou actual e de doenças físicas).

#### **Procedimento de desenvolvimento do instrumento**

Antes da readaptação do instrumento, foram realizadas oito entrevistas de *Focus Group* - a quatro grupos de adolescentes dos 15 aos 19 anos e a quatro grupos de pais com filhos adolescentes -, a partir das quais foi feito um estudo qualitativo preliminar em termos dos valores emergentes, no sentido de avaliar a adequação e suficiência dos itens existentes no QVP (Schwartz, 1990; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991). Dado que emergiram valores que não constavam nas listas de valores finais e instrumentais do QVP, acrescentaram-se os itens: *Família; Trabalho; Evolução; Ócio; Vida; Beleza Física; Positividade; Verdade; Generosidade; Educação; Esperança*. As explicações que procedem os itens foram baseadas nas existentes do

QVP, tendo-se optado pelo uso de uma linguagem mais impessoal e substantiva, em vez de adjectiva (e.g., Positividade - perspectiva positiva face a si, aos outros e aos acontecimentos).

A lista de valores instrumentais do QVP (Schwartz, 1987; Tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991) foi reconceptualizada, no QVPR, numa lista única de valores finais. De acordo com as limitações conceptuais apontadas por Menezes e colaboradores (1989) e com as propriedades dos sistemas *circularidade, equifinalidade, totalidade e multifinalidade* (von Bertalanffy, 1934, cit. por Jones, 1999), se diferentes modos de comportamento (e.g., ser ambicioso, ser influente) poderão originar os mesmos estados finais desejáveis (e.g., poder social) - propriedade da *equifinalidade* -, comportamentos semelhantes (e.g., ser aberto) poderão determinar estados finais desejáveis díspares (e.g., liberdade, igualdade, reconhecimento social) - propriedade da *multifinalidade*. Pelo facto de a distinção entre valores finais e instrumentais não dever ser artificial e linear, é inviável uma conceptualização fechada e dicotómica. Por um lado, se há fluidez e inter-influência mútua na construção da hierarquia de valores individuais, uma identificação estática de valores de meio e de fim é enviesada (propriedade da *circularidade*). Por outro lado, a idiossincrasia individual leva à

construção de diferentes hierarquias de valores - sensíveis à fase do ciclo de vida e a outras variáveis contextuais -, nas quais, possivelmente, os valores adquirem significações diversas e amplas, não encaixando em *meios* e *fins* ou em modos comportamentais para atingir determinados estados desejáveis (propriedade da totalidade).

O QVPR foi administrado a um grupo-piloto de 25 pessoas, com o qual se discutiu a adequação vocabular e a compreensão dos itens e, da qual resultou a alteração da explicação de alguns itens. O QVPR foi também analisado por dois especialistas na área da Psicologia Social e da Psicologia da Família. Deu-se, então, início à recolha da amostra, através de um processo de amostragem não probabilístico, designado de amostragem de conveniência, por bola-de-neve. Foram feitas aplicações individuais e colectivas do QVPR, em vários estabelecimentos de ensino secundário e superior. Os participantes colaboraram voluntariamente, mediante a explicação dos objectivos do estudo, tendo sido garantida a confidencialidade e o anonimato dos dados.

## RESULTADOS

O tratamento estatístico dos dados foi executado com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 17.0 for Windows*.

A estrutura relacional dos 67 itens do QVPR foi avaliada pela Análise Factorial Exploratória (AFE), sobre uma matriz de correlações, com extracção dos factores pelo método de Componentes Principais, seguida de uma rotação ortogonal (*Varimax*), por esta permitir uma boa abordagem geral, maximizando a dispersão dos factores e simplificando a sua interpretação (Field, 2009). A opção tomada pelo uso da AFE em vez do Escalonamento Multidimensional, técnica utilizada para análise de dados nos estudos de Schwartz sobre valores, pode ser fundamentada por várias razões. De acordo com Maroco (2007), o Escalonamento Multidimensional é comparável a outras técnicas exploratórias multivariadas, como a AFE e a Análise de Clusters. A AFE permite definir um conjunto de factores/dimensões comuns de valores que representam, estrategicamente, a informação contida num conjunto maior, e que explicam o mais possível a variação da avaliação dos participantes sobre os valores. Por outro lado, o Escalonamento Multidimensional define, através de um mapa espacial, um conjunto de dimensões, a partir da percepção de semelhança e dissemelhança dos participantes sobre os valores. Estando este estudo mais centrado na exploração da estrutura do QVPR, através da dedução dos factores latentes do conjunto de 67 valores, optou-se pela técnica da AFE.

## Análise factorial exploratória

A medida de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) mostra a adequação da amostra para a análise, KMO = .91, (valor excelente de acordo com Field, 2009) e todos os valores KMO para os itens individuais são superiores a .775, estando acima do valor de aceitação de .5 (Field, 2009). O teste de esfericidade de *Bartlett* [ $\chi^2(2211) = 14078.56, p < .001$ ] indica que as correlações entre os itens são suficientemente elevadas para a análise em Componentes Principais.

A análise inicial foi feita para obter *eigenvalues* para cada componente dos dados; 15 componentes apresentavam *eigenvalues* acima do critério de Kaiser de 1 e a sua combinação explica 57.20% da variância. Contudo, a ambiguidade do *scree-plot*, com dois pontos de inflexão, indicava que deveríamos reter entre quatro ou oito factores. Optámos por seguir a última opção, repetindo a análise factorial em componentes *principais*, com rotação *Varimax*, mas com a indicação de extracção de oito factores. O Quadro 1 apresenta a saturação de cada factor (valores superiores a .30) com base nos coeficientes de correlação após rotação.

O conjunto dos oito factores explica 45% da variância. Os itens 15 e 19 foram eliminados por apresentarem saturação inferior a .30 e o item 7 foi retirado por saturar igualmente nos Factores IV e V.

## Fidelidade

Excepto o Factor VIII - cujo alfa de Cronbach é de .63 -, o estudo da consistência interna revelou valores adequados, de .73 (Factor VII) a .86 (Factor I), como apresenta o Quadro 1. O estudo da consistência interna fez alterar a constituição do Factor IV, pela exclusão do item invertido 48, por diminuir o valor do alfa.

## Versão final do instrumento QVPR

A versão final apresenta um total de 63 itens, distribuídos pelos oito factores. Os factores que emergiram da AFE não correspondem aos domínios motivacionais considerados por Schwartz e Bilsky (1990), todavia, são revestidos de coerência teórica e conceptual. A conceptualização dos factores baseou-se na definição dos dez domínios motivacionais da Teoria dos Valores Humanos Básicos (Schwartz & Bilsky, 1990).

Ao Factor I, que engloba doze itens - que expressam a valorização, o respeito e a preocupação com o bem-estar dos outros -, foi atribuída a designação de *Relacional*. O Factor II, nomeado de *Tradicionalismo*, é composto por doze itens que remetem para o controlo de impulsos e a adesão aos costumes e ideologias, no sentido da conformidade com os padrões sócio-culturais vigentes. O Factor III, *Aventura*, inte-

**Quadro 1. Resumo dos resultados da análise factorial exploratória (coeficientes de correlação) dos itens do QVPR (N=630), com saturação superior a .30, matriz de correlações entre factores e valores de alfa de Cronbach. Nota. A negrito estão os valores de saturação dos itens que, na versão final, pertencem a cada factor.**

ITEM	FACTORES							
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
1. Igualdade					.39		.34	
2. Harmonia Interior					.61			
3. Poder Social				.47				
4. Prazer			.52		.33			
5. Liberdade					.55			
6. Espiritualidade								.63
7. Sentido de Pertença								
8. Ordem Social				.34				
9. Família	.34							
10. Vida Excitante			.68					
11. Sentido de Vida					.55			
12. Polidez		.50						
13. Trabalho		.44						
14. Evolução		.47						
15. Ócio								
16. Fortuna				.56				
17. Segurança Nacional		.55		.30				
18. Respeito Próprio					.51			
19. Vida								
20. Reciprocidade de Favores		.45						
21. Criatividade			.54					
22. Mundo em Paz							.40	
23. Tradição		.41						
24. Amor	.52							
25. Auto-Disciplina		.60						
26. Privacidade		.34			.43			

<b>27. Segurança Familiar</b>	.43	.35						
<b>28. Beleza Física</b>				.63				
<b>29. Positividade</b>				.31				
<b>30. Verdade</b>	.52							
<b>31. Reconhecimento Social</b>				.62				
<b>32. União com a Natureza</b>							.73	
<b>33. Generosidade</b>	.46						.33	.38
<b>34. Vida Variada</b>			.68					
<b>35. Sabedoria</b>						.45		
<b>36. Autoridade</b>		.32		.48				
<b>37. Amizade</b>	.62							
<b>38. Mundo de Beleza</b>			.32				.56	
<b>39. Justiça Social</b>							.52	
<b>40. Independência Pessoal</b>					.46	.36		
<b>41. Moderação</b>		.56						
<b>42. Higiene</b>		.56						
<b>43. Auto-Condescendência</b>		.50						
<b>44. Sucesso</b>			.34	.37		.38		
<b>45. Inteligência</b>				.32		.56		
<b>46. Lealdade</b>	.65							
<b>47. Ambição</b>		.34	.35		.39			
<b>48. Abertura</b>			.31	-35				
<b>49. Humildade</b>	.53							
<b>50. Audácia</b>			.63					
<b>51. Educação</b>	.40							
<b>52. Protecção do Ambiente</b>							.76	
<b>53. Influência Social</b>							.76	
<b>54. Respeito pelos Mais Velhos</b>	.46	.33						
<b>55. Escolha de Objectivos de Vida</b>						.48		

<b>Objectivos de Vida</b>								
<b>56. Responsabilidade</b>	.54					.41		
<b>57. Curiosidade</b>			.48			.33		
<b>58. Disponibilidade para os Outros</b>	.53							.34
<b>59. Religiosidade</b>								.74
<b>60. Saúde</b>					.30			
<b>61. Competência</b>						.56		
<b>62. Aceitação da Vida</b>		.48						
<b>63. Honestidade</b>	.55	-.36						
<b>64. Preservação da Imagem</b>				.58				
<b>65. Esperança</b>								.51
<b>66. Obediência</b>		.56						
<b>67. Perdão</b>								.47
<b>EIGENVALUES</b>	5.12	5.06	3.90	3.60	3.44	3.13	3.10	2.81
<b>% de variância explicada</b>	7.60	7.55	5.82	5.37	5.14	4.67	4.61	4.20
<b>Matriz de Correlações</b>								
<b>Factor I</b>	1							
<b>Factor II</b>	-.510	1						
<b>Factor III</b>	.008	.582	1					
<b>Factor IV</b>	-.013	-.465	.056	1				
<b>Factor V</b>	-.307	.118	-.056	-.097	1			
<b>Factor VI</b>	-.034	-.231	-.211	.390	.779	1		
<b>Factor VII</b>	.518	-.035	.427	-.002	-.201	-.639	1	
<b>Factor VIII</b>	-.366	.359	.379	-.494	.307	-.153	-.364	1
<b>Alfa</b>	.855	.812	.770	.752	.752	.786	.728	.631

gra seis itens que expressam a procura de novos desafios, excitação e prazer. O Factor IV, constituído por oito itens referentes à necessidade de domínio sobre os outros ou sobre recursos, foi conceptualizado por *Poder Social*. O Factor V, *Equilíbrio Pessoal*, integra

nove itens - concernentes à harmonia pessoal e à necessidade de independência de O Factor VI, *Realização Pessoal*, representa a obtenção do êxito pessoal e do reconhecimento social, através de seis itens (Schwartz, 1992). O Factor VII, conceptualizado por *Pre-*

*ocupação Social*, contem cinco itens, e expressa preocupações ecológicas e pró-sociais (Schwartz, 1992). Por último, o Factor VIII, *Espiritualidade*, reúne quatro itens ligados à transcendência (Schwartz, 1992).

As oito dimensões foram organizadas em dois domínios, tendo em conta o foco dos valores englobados nas dimensões, num *continuum* relacional: foco no *Eu* sem os *Outros*, foco no *Eu e os Outros* e foco no *Eu com os Outros*. Assim, o domínio *Hedonista* engloba as dimensões *Aventura*, *Poder Social*, *Realização Pessoal e Equilíbrio Pessoal*, que remetem para valores maioritariamente singulares, focados no *Eu sem os Outros* e no *Eu e os Outros*. O domínio *Colectivo* reúne as dimensões *Relacional*, *Tradicionalismo*, *Preocupação Social e Espiritualidade*, que integram valores maioritariamente focados no *Eu com os Outros* e no *Eu e os Outros*. O estudo da consistência interna dos dois domínios revelou valores bastante adequados, o alfa do domínio *Colectivo* é de .882 e o do domínio *Hedonista* é de .896.

### **Estatística descritiva do QVPR e diferenças entre sexos e entre grupos etários**

A significância das diferenças entre as médias das oito dimensões dos valores entre participantes do sexo feminino vs. do sexo masculino foi avaliada

com o teste *t*-Student para amostras independentes. As médias e desvios-padrão das pontuações dos oito factores para ambos os sexos encontram-se no Quadro 2, bem como os resultados do teste *t* de diferenças de médias entre participantes do sexo feminino e masculino.

Para as participantes do sexo feminino, os valores inerentes às dimensões *Relacional*, do *Equilíbrio Pessoal* e da *Espiritualidade* são mais centrais enquanto princípios orientadores da sua vida, em relação aos participantes do sexo masculino.

Para o estudo das diferenças entre grupos etários, a amostra global foi dividida em quatro grupos, segundo um critério etário: o Grupo *Adolescentes* integra participantes com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos; o Grupo *Jovens Adultos* engloba participantes entre os 20 e os 30 anos; o Grupo *Adultos* reúne participantes com idades entre os 31 e os 49 anos; e o Grupo *Adultos Séniores* agrupa os participantes com idades iguais ou superiores a 50 anos. As médias e desvios-padrão das pontuações dos oito factores para os quatro grupos etários encontram-se no Quadro 3.

Foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para comparar as médias das oito dimensões nos quatro etários Grupos formados, já que os dados violam os pressupostos para utilizar o teste ANOVA *one-way*. Como as médias das di-

**Quadro 2. Estatística descritiva do QVPR, de acordo com o sexo, e diferenças entre sexos**

SEXO		FEMININO			MASCULINO			TESTE T
Factor	Range	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)	$t$ (DF), $p$
Relacional	1-6	3.83	6.00	5.23 (.46)	3.00	6.00	5.10 (.50)	3.54 (619), $p < .001$
Tradicionalismo	1-6	2.67	5.92	4.51 (.55)	2.50	5.92	4.54 (.56)	- .710 (608), n.s.
Aventura	1-6	1.83	6.00	4.35 (.65)	2.5	6.00	4.37 (.65)	- .430 (611), n.s.
Poder Social	1-6	2.00	5.50	3.80 (.58)	1.38	5.25	3.87 (.65)	-1.45 (612), n.s.
Equilíbrio Pessoal	1-6	3.33	6.00	5.24 (.44)	2.56	6.00	5.06 (.50)	4.60 (619), $p < .001$
Realização Pessoal	1-6	2.83	6.00	4.81 (.55)	3.17	6.00	4.81 (.60)	.008 (623), n.s.
Preocupação Social	1-6	2.60	6.00	4.77 (.61)	2.60	6.00	4.69 (.71)	1.32 (624), n.s.
Espiritualidade	1-6	2.00	6.00	4.30 (.77)	1.75	6.00	4.02 (.83)	4.30 (622), $p < .001$

**Quadro 3. Estatística descritiva do QVPR nos quatro grupos etários**

Factor	ADOLESCENTES			JOVENS ADULTOS			ADULTOS			ADULTOS SÊNIORES		
	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)
Relacional	3.00	6.00	5.16 (.55)	3.92	6.00	5.21 (.44)	4.08	6.00	5.17 (.42)	4.17	6.00	5.15 (.44)
Tradicionalismo	2.50	5.92	4.69 (.55)	2.92	5.75	4.40 (.57)	2.67	5.67	4.50 (.51)	3.42	5.58	4.56 (.47)
Aventura	2.69	6.00	4.51 (.62)	2.50	6.00	4.48 (.61)	1.83	5.67	4.19 (.62)	2.50	5.00	3.83 (.60)
Poder Social	2.00	5.25	3.87 (.60)	.38	5.50	3.77 (.64)	1.50	5.00	3.82 (.54)	2.00	5.25	3.80 (.61)
Equilíbrio Pessoal	2.56	6.00	5.16 (.56)	4.00	6.00	5.22 (.42)	3.56	6.00	5.16 (.41)	3.89	5.78	5.11 (.39)
Realização Pessoal	3.17	6.00	4.91 (.64)	2.83	6.00	4.88 (.55)	3.67	5.67	4.70 (.47)	3.17	5.83	4.57 (.51)
Preocupação Social	2.60	6.00	4.80 (.47)	2.60	6.00	4.68 (.65)	3.00	6.00	4.74 (.63)	3.40	6.00	4.83 (.52)
Espiritualidade	1.75	6.00	4.17 (.80)	2.25	6.00	4.20 (.80)	2.00	6.00	4.18 (.79)	1.75	6.00	4.41 (.85)
N	177			216			124			62		

mensões *Tradicionalismo* ( $H(3)=30.05$ ,  $p < .05$ ), *Aventura* ( $H(3)=68.82$ ,  $p < .05$ ), *Realização Pessoal* ( $H(3)=28.70$ ,  $p < .05$ ) e *Espiritualidade* ( $H(3)=9.67$ ,  $p < .05$ ) são significativamente influenciadas pelo grupo etário, foi utilizado o Teste de Mann-Whitney para analisar estas relações. Foi aplicada a correcção de Bonferroni, tal como sugere Field (2009), pelo que todos os resultados são reportados a um nível de significância de .0083. Os resultados mostram que a dimensão *Tradicionalismo* é significativamente superior no Grupo *Adolescentes* em relação aos Grupos *Jovens Adultos* ( $U=14689.50$ ,  $r = -.26$ ) e *Adultos* ( $U=10415.00$ ,  $r = .17$ ); a dimensão *Aventura* é significativamente superior no Grupo *Adolescentes* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U=9623.00$ ,  $r = -.23$ ) e *Adultos Sêniores* ( $U=2293.00$ ,  $r = -.45$ ); a dimensão *Aventura* é significativamente superior no Grupo *Jovens Adultos* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U=11310.00$ ,  $r = -.22$ ) e *Adultos Sêniores* ( $U=2756.50$ ,  $r = -.42$ ); a dimensão *Realização Pessoal* é significativamente superior no Grupo *Adolescentes* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U= 10623.00$ ,  $r = -.19$ ) e *Adultos Sêniores* ( $U= 4145.50$ ,  $r = -.26$ ); a dimensão *Realização Pessoal* é significativamente superior no Grupo *Jovens Adultos* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U= 12973.50$ ,  $r = -.15$ ) e *Adultos Sêniores* ( $U= 4950.00$ ,  $r = -.24$ ); a dimensão *Espiritualidade* é significa-

tivamente superior no Grupo *Adultos Sêniores* em relação aos Grupos *Adolescentes* ( $U= 4765.50$ ,  $r = -.18$ ), *Jovens Adultos* ( $U= 56454.50$ ,  $r = -.16$ ) e *Adultos* ( $U= 3502.00$ ,  $r = -.19$ ).

O teste de Jonckheere revela uma tendência significativa nos dados: quanto maior a idade do Grupo etário, menores as médias das dimensões *Tradicionalismo* ( $J=59729.50$ ;  $z=-2.63$ ;  $r=-.11$ ), *Aventura* ( $J=49918.00$ ;  $z=-6.94$ ;  $r=-.21$ ) e *Realização Pessoal* ( $J=57228.00$ ;  $z=-5.01$ ;  $r=-.20$ ).

## DISCUSSÃO

O objectivo deste estudo centrou-se no desenvolvimento do QVPR e na apresentação dos estudos de validação. A análise factorial exploratória, com utilização do método Componentes Principais, com 67 itens, resultou numa versão final constituída por oito factores, organizados em dois domínios. O QVPR, com 63 itens, revelou ser uma medida consistente das várias dimensões de valores, que pretende avaliar. Os níveis de consistência interna apresentados pela maioria dos factores, avaliados pelo *alfa* de Cronbach, revelaram-se bastante adequados. O valor de *alfa* mais baixo apresentado pelo factor VIII (*Espiritualidade*), poderá ser explicado número reduzido de itens que o compõem e pelas diferenças marcadas entre os conceitos que agrupa – *Espiritualidade*, *Religiosidade*, *Esperança*

e *Perdão*. Aos itens *Espiritualidade* e *Religiosidade* estão subjacentes um conjunto de crenças transcendentais que apelam para a vivência de um *estado desejável*, de uma dimensão interior, sobrenatural, não materializável, com raízes profundas na tradição religiosa portuguesa. Os itens *Perdão* e *Esperança*, apesar de estarem, também, circunscritos a uma esfera transcendente e de tradição religiosa, por serem princípios amplamente veiculados no Cristianismo, parecem salientar mais a manifestação uma estratégia adaptativa de resiliência, focada no desenvolvimento de uma força interior, no optimismo e na positividade da imprevisibilidade do futuro, constituindo recursos para lidar construtivamente com situações adversas.

Foram exploradas as diferenças entre sexos e entre grupos etários na valorização das dimensões dos valores. As diferenças de sexo, observadas nas dimensões *Relacional*, *Espiritualidade* e *Equilíbrio Pessoal*, mostram que para as mulheres, os valores inerentes a estas dimensões são mais centrais enquanto princípios guia da sua vida, o que corrobora, parcialmente, os resultados de estudos anteriores já referidos (Schwartz & Rubel, 2005; Menezes, et al., 1989; Menezes & Campos, 1991). Por um lado, as mulheres desenvolveram mais mecanismos adaptativos relacionais, baseados em valores relacionais, espirituais e de equilíbrio

pessoal por serem mais estimuladas para a relação com os outros desde o nascimento (Matlin, 1993), por terem um papel privilegiado na maternidade e no envolvimento com os filhos e, pelo facto, da ligação com o outro ser, também, um princípio da religião/espiritualidade (Oliveira, 2000). Por outro lado, a entrada em força das mulheres no mundo do trabalho e a vivência de experiências propiciadas pela acumulação dos papéis laborais, familiares e sociais, reflecte-se nos valores das mulheres (Schwartz & Rubel, 2005), com a ausência de diferenças de sexo na valorização das dimensões de *Realização Pessoal* e *Poder*. Estas diferenças também poderão ser perspectivadas em termos dos motivos básicos subjacentes à experiência humana, identificados por Hermans (1991): as mulheres poderão orientar a sua vida e construção de narrativas pessoais por motivos O<sup>2</sup> (motivos centrados na união e no amor com outros, por oposição a motivos centrados na auto-valorização), procurando o contacto com os outros, o que se repercutirá na importância da relação com o outro.

De realçar que as diferenças reveladas pelos grupos etários são reduzidas, o que sugere a concordância da importância da maioria das dimensões, ao longo do ciclo de vida. Todavia, as disparidades podem ser interpretadas por diferenças nas significações das várias dimensões e nos motivos dominantes

na procura de bem-estar, de acordo com as diferentes tarefas desenvolvimentais inerentes a cada grupo etário (Menezes & Campos, 1991). O facto da dimensão *Tradicionalismo* ser mais valorizada no grupo de *Adolescentes*, em comparação com os de *Jovens Adultos* e *Adultos* pode ter subjacente um processo de influência social, familiar e parental para a conformidade comportamental e a adopção de modelos, valores e crenças (Hall, 1981) tradicionais, no sentido da manutenção da cultura social e familiar. Contudo, se assim for, a existência de um tempo livre de definição e estruturação, socialmente concedido, para a experiência de vários papéis e valores - *moratória psicossocial* (Alarcão, 2006) - poderá, eventualmente, ser menos evidente. Por outro lado, poderá haver uma relação de compensação (Bilsky & Schwartz, 1994) entre a dimensão *Tradicionalismo* e a resolução da crise identitária; neste sentido, a valorização dos princípios tradicionais são uma resposta compensatória à necessidade de individuação, de um sentido de identidade e unicidade genuíno e diferenciado dos outros - que integre as transformações pessoais, as exigências sociais e as expectativas em relação ao futuro - e do reconhecimento desse todo interno único pelos outros (Sprinthall & Collins, 2003). Podemos, também, perspectivar a importância do tradicionalismo na vivência ambígua do equilíbrio da individuação com a

vinculação, que poderá remeter para a conformidade familiar e social (Menezes & Campos, 1991).

As diferenças verificadas nas dimensões *Aventura* e *Realização Pessoal* entre os grupos *Adolescente* e *Jovem Adulto* e os restantes corroboram os resultados de outros estudos (e.g., Schwartz & Bardi, 2001), apontando para a prioridade da gratificação e liberdade pessoal. Estes resultados poderão evidenciar que, nos grupos *Adolescentes* e *Jovem Adultos*, os motivos S (de auto-realização, com foco no próprio)<sup>2</sup> sobrepõem-se aos motivos O (Hermans, 1991), pelo que as dimensões *Aventura* e *Realização Pessoal* evocam mais valorações positivas e são mais centrais enquanto princípios estruturadores e interpretativos da experiência do Eu. As mudanças físicas, sociais e cognitivas permitem aos adolescentes o desenvolvimento de um caminho centrífugo em relação à família (Relvas, 1996), no qual há uma subordinação da procura de autonomia e de um todo identitário consistente (enquanto tarefas desenvolvimentais) à realização pessoal. Para os adolescentes, a orientação da vida por valores como o prazer, a audácia e a curiosidade tem subjacente o teste dos seus próprios limites - apoiado no egocentrismo metafísico e na fábula pessoal, i.e., crença na inimutabilidade das consequências dos seus comportamentos (Lourenço, 2002; Sprinthall & Collins, 2003). A

cultura hedonista, focada no bem-estar e na realização pessoal, amplamente difundida pelos *media* (Lipovetsky, 2010), também promove e reforça os valores centrados na gratificação individual no aqui e no agora. Os comportamentos dos adolescentes orientados para a auto-realização assumem, também, uma importância central nesta fase, que a diferencia das outras, pelo peso que as tomadas de decisão escolares, referentes ao ensino secundário e superior, têm no delinear do seu projecto futuro e pela importância que é atribuída ao sucesso escolar e à competência, nos sistemas familiar e social. O estudo de Johnson (2002) mostrou que os valores dos adolescentes se tornam mais realistas à medida que os anos vão passando e que as suas aspirações se tornam mais limitadas com a entrada no mundo adulto.

Para o grupo *Jovens Adultos*, as diferenças nas dimensões apuradas expressam a vivência de uma etapa do desenvolvimento altamente desafiada, pela pluralidade de trajectórias possíveis – continuação dos estudos, entrada no mundo de trabalho, saída de casa, casamento, parentalidade, etc. (Gonçalves & Barros, 2008; Relvas, 2000). Num período de autonomização, independência familiar e económica, preparação e desenvolvimento de uma carreira profissional e de assumpção de novos papéis relacionais, sociais e laborais, a realização profissional reper-

cutir-se-á em valores que promovam a realização de desejos pessoais. O sucesso deste desafio implicará, também, uma gestão inteligente entre os papéis laborais e de recreação, no sentido de potenciar o bem-estar através de uma multiplicidade de experiências.

Por último, as diferenças inter-grupos na dimensão *Espiritualidade* estão em consonância com outros estudos que referem que a religião e a espiritualidade tendem a aumentar com a idade (Oliveira, 2000).

O QVPR pode constituir-se como um instrumento de avaliação das motivações para o comportamento e para o sentido da vida, permitindo caracterizar e diferenciar pessoas e grupos. Em conjunto com outros instrumentos, poder-se-ão identificar constelações de valores associados ao bem-estar individual e familiar. Sendo um contributo inicial para o processo de validação do QVPR, o presente estudo apresenta limitações que restringem a sua validade: a selecção da amostra não foi aleatória e, pelo facto de não ser representativa, os resultados têm um carácter marcadamente exploratório. Outras limitações prendem-se com o facto de não terem sido estudadas a validade convergente, divergente, a validade cruzada e a estabilidade temporal do instrumento (teste-reteste). Seria interessante conduzir um estudo longitudinal, que discriminasse os efeitos da idade e da geração (Hitlin & Piliavin, 2004; Menezes & Campos, 1991) e que ex-

plorassem as valorações associadas a cada dimensão dos valores, reproduzindo o estudo de Hermans e Oles (1993). Os estudos futuros com o QVPR deverão ser desenvolvidos de forma a superar estas limitações e a mostrar correlações entre os valores e índices de ajustamento individual e familiar.

## REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alberoni, F. (2000). *Valores - o bem, o mal, a natureza, a cultura, a vida*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Balancho, L. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 377-386.
- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Bilsky, W. (2009). A estrutura de valores: sua estabilidade para além de instrumentos, teorias, idades e culturas. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, 3, 12-33.
- Bilsky, W. & Schwartz, S. H. (1994). Values and personality. *European Journal of Personality*, 8, 163-181.
- Brofenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Caprana, G. V., Schwartz, S., Capanna, C., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2006). Personality and politics: values, traits, and political choice. *Political Psychology*, 27, 1-29.
- Devos, T., Spini, D., & Schwartz, S. (2002). Conflicts among human values and trust in institutions. *British Journal of Social Psychology*, 41, 481-494.
- Davidov, E., Schmidt, P., Schwartz, S. H. (2008). Bringing values back in the adequacy of the European social survey to measure values in 20 countries. *Public Opinion Quarterly*, 72, 420-445.
- Figueiredo, E. (1985). Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal. *Análise Social*, Vol. XXI, 1005-1020.
- Gonçalves, M. I. & Barros, L. (2008). Inventário de preocupações e valorizações para jovens: Contributo para a avaliação das atribuições de preocupação e importância a áreas da vida de jovens na fase de transição para a adultícia. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 26, 141-166.
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of

- parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71, 205-211.
- Hall, C. M. (1981). *The Bowen Family Theory and its uses*. New York: Jason Aronson.
- Hermans, H. J. M. (1987). Self as organized system of valuations: Toward a dialogue with person. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 10-19.
- Hermans, H. J. M. (1991). The person as co-investigator in self-research: Valuation theory. *European Journal of Personality*, 5, 217-234.
- Hermans, H. J. M. & Oles, P. K. (1993). The personal meaning of values in a rapid changing society. *The Journal of Social Psychology*, 134, 569-579.
- Hitlin, S. & Piliavin, J. A. (2004). Values: Reviving a dormant concept. *Annual Review Sociological*, 30, 359-393.
- Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (Vol. 2, pp. 231-252). Lawrence Erlbaum Associates.
- Johnson, M. K. (2002). Social origins, adolescent experiences, and work value trajectories during the transition to adulthood. *Social Forces*, 80, 1307-1341.
- Jones, (1999). *Terapia dos sistemas familiares: desenvolvimento nas terapias sistêmicas da Escola de Milão* (2ª Ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Lipovetsky, G. (2010). *O crepúsculo do dever – a ética indolor dos novos tempos democráticos* (4ª Ed.) Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Menezes, I., Costa, M. E., Campos, B. P. (1989). Valores em estudantes universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68.
- Menezes, J. & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: estudo transversal. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Oliveira, J. (2000). *Psicologia da religião*. Coimbra: Almedina
- Parke, R. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 27-73). Lawrence Erlbaum Associates.
- Pinquart, M., & Silbereisen, K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 39, 83-100.
- Prince-Gibson, E., & Schwartz, S. (1998). Value priorities and gender. *Social Psychology Quarterly*, 61, 49-67.
- Relvas, A. P. (2000). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica* (2ª ed.). Porto:

Edições Afrontamento.

- Rokeach, M. (1976). Beliefs, attitudes and values: a theory of organization and change systems. San Francisco: Jossey-Bass.
- Schwartz, S. H. & Bardi, A. (2001). Values hierarchies across cultures: taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-268.
- Schwartz, S., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.
- Schwartz, S. H., Sagiv, L., Boehnke, K. (2000). Worries and values. *Journal of Personality*, 68, 309-346.
- Schwartz, S. H. & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: cross-cultural and multimethod studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 1010-1028.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17, 125-146.
- Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do Adolescente* (3ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.